

A dignidade humana em Giovanni Pico Della Mirandola

Bruno Amaro Lacerda¹

Resumo

O presente artigo pretende analisar o papel desempenhado por Giovanni Pico della Mirandola na questão da dignidade humana.

Palavras-chave: Direitos Humanos. Dignidade Humana.

Abstract

This article intends to analyze the role played by Giovanni Pico della Mirandola on the issue of human dignity.

Keywords: Human Rights. Human Dignity.

Giovanni Pico nasceu em Mirandola, norte da Itália, em 24 de fevereiro de 1463, e faleceu em Florença, também na Itália, em 17 de novembro de 1496. Teve uma vida curta, mas marcada por grande entusiasmo intelectual e dedicação à filosofia. Oriundo de uma família nobre, ainda muito jovem foi enviado para Bolonha pela mãe, a fim de estudar Direito Canônico. Após dois anos de estudo, porém, percebeu que seu destino não era se tornar jurista, mas filósofo. O desejo pelo saber filosófico, que lhe parecia mais fundamental e profundo que o saber jurídico, motivou-o a abandonar Bolonha e a se dirigir para Ferrara, onde, por dois anos, sob orientação de Battista Guarino, leu vários clássicos gregos e latinos. Entre 1480 e 1482, residiu em Pádua, onde tomou contato com o pensamento escolástico e sua forte influência aristotélica. Em 1484, dirigiu-se para Florença, onde entrou em contato com os platônicos (entre eles, Marsílio Ficino). O contato com o platonismo levou-o a pensar pela primeira vez naquilo que viria a ser sua tese principal: o acordo (concordia) entre Platão e Aristóteles, ou, de modo mais geral, entre todas as concepções filosóficas divergentes. No ano seguinte, foi para Paris, centro cultural da época, onde passou a dedicar-se integralmente à filosofia, sua verdadeira vocação.

Dentre suas obras, a mais conhecida, e que condensa melhor suas teses, é o *Discurso sobre a dignidade do homem*, que passou a posteridade como uma espécie de manifesto renascentista do homem, descrito como *centro do mundo* (antropocentrismo). Mas por que esta obra, verdadeiro elo entre filosofia medieval e filosofia moderna, mereceria ser lida nos dias de hoje? Ora, mais do que um valor, ou uma constatação metafísica, a dignidade humana é hoje um *princípio jurídico*, encontrando-se protegida como *norma* nas Constituições das nações civilizadas. As Constituições, todavia, não dizem *o que é a dignidade humana*, apenas garantem-na em seu texto como princípio fundamental. É

¹ Mestre e Doutor em Filosofia do Direito pela UFMG. Professor no Mestrado em Direito da Unipac (Juiz de Fora) e na Faculdade Pitágoras (Divinópolis).

preciso, então, preencher a norma *de sentido*: devemos compreender *o que é o homem e por qual razão ele possui uma dignidade que deve ser socialmente protegida*. Para esta tarefa, a ciência jurídica deve buscar o apoio da filosofia. Neste breve artigo, limitar-me-ei a mostrar o fundamento filosófico que Giovanni Pico, em seu *Discurso*, apresenta para a questão da dignidade humana. Suas idéias, aparentemente circunscritas a um período determinado da história do pensamento (o Renascimento), ultrapassam esta perspectiva, alcançando validade atemporal.

A questão, na verdade, não era nova. Filósofos antigos e medievais haviam se preocupado com a questão do homem e do seu valor. Na Grécia antiga, Sócrates pode ser considerado um precursor nesse campo, pois todo o seu pensamento (que sobreviveu graças aos escritos dos discípulos) centra-se na idéia de que o homem é um ser *diferenciado*, pois é o único que possui uma *psyché*, uma *alma* que o torna capaz de pensar e de querer. A alma, dizia Sócrates, faz do homem um ser consciente e inteligente, dotando-o também de uma grande responsabilidade: a de cuidar de si mesmo, a de buscar uma vida em conformidade com o conhecimento, mantendo sua alma sempre em boas condições. Sócrates não falava em “dignidade” (palavra de origem latina), mas em *areté* (excelência, virtude): o homem é um ser único porque não pode se preocupar somente com a conservação do seu corpo, mas também com a preservação e melhoria da sua alma. O cultivo da alma, da inteligência, que ocorre por meio da ciência, é a *areté* humana, aquilo que torna o homem um ser singular face aos demais seres que com ele coexistem no mundo².

76

Na Idade Média, encontramos a temática da dignidade humana em Tomás de Aquino, expressão máxima do pensamento da época. Partindo da definição de “pessoa” formulada por Boécio (“substância individual de natureza racional”), Santo Tomás explica que o homem é uma substância racional porque tem o *domínio de seus atos, agindo por si mesmo* e não pelo comando de outros seres. Em outras palavras, o homem é *livre*, pois tem o poder de determinar-se, de agir por si mesmo. Isso lhe confere uma superioridade em relação a todas as outras substâncias (entes) que não compartilham da mesma potência. Essa superioridade é chamada expressamente de *dignidade*: “Ora, é grande dignidade subsistir em uma natureza racional. Por isso dá-se o nome pessoa a todo indivíduo dessa natureza, como foi dito” (Suma Teológica, I, 29, 3).

Estes dois exemplos (um antigo e outro medieval) mostram que a filosofia pré-moderna identificou a dignidade ou o valor do homem com a razão, isto é, com a capacidade humana de ordenar e conhecer o que está no mundo. A excelência humana é o conhecimento que garante o bem-estar da alma, diz Sócrates. A dignidade humana deriva da racionalidade, afirma Tomás de Aquino. Portanto, quando Giovanni Pico enfrenta a questão, não parte da estaca zero, mas de idéias consolidadas sobre o tema. Resta saber se sua obra é uma reprodução criativa dessas idéias, ou se, como dizem os que admiram seu pensamento, ela trouxe alguma contribuição original para esse fundamental e perene debate.

Giovanni Pico inicia seu *Discurso* afirmando que leu em escritos árabes que, tendo sido perguntado sobre qual seria o espetáculo mais maravilhoso do mundo, Abdala

² Sobre Sócrates e o conceito de alma, conferir REALE, p. 187-231.

Sarraceno teria respondido: o homem. Resposta que concordaria com a frase atribuída a Hermes: “Grande milagre, ó Asclépio, é o homem”. O autor, então, indaga-se sobre o sentido dessas contestações: por qual razão seria o homem um grande milagre? Pelos seus sentidos agudos? Pelo poder da sua razão? Por ser soberano das criaturas inferiores? Estas coisas, reconhece, são importantes, mas “não tais que consintam a reivindicação do privilégio de uma admiração ilimitada” (p. 49). Por que os seres humanos deveriam ser mais admirados, por exemplo, que os anjos (criaturas que, na religião judaico-cristã, situam-se entre os homens e Deus)?

Para explicar isso, Pico vale-se de um *discurso* que, à maneira de Platão, mais se assemelha a um *mito*. Narra o autor que, após a construção do mundo, Deus desejou que houvesse nele um ser “capaz de compreender a razão de uma obra tão grande”. Por isso, após tudo criar, pensou em criar também o homem. Dos arquétipos utilizados para a modelação das criaturas, porém, nada havia sobrado. Os lugares do universo também já estavam todos ocupados. Como então poderia ser feito o homem? E qual seria a sua posição no *cosmos*? Não seria compatível com a inteligência divina desistir da proposta, nem deixar de se superar para realizá-la. A solução encontrada por Deus foi a seguinte: como não podia oferecer ao homem mais nada *específico*, determinou que a ele “fosse comum tudo o que tinha sido parcelarmente dado aos outros” (p. 51). O homem foi criado, assim, como ser de “natureza indefinida” e colocado “no meio do mundo” (p. 51). Não possuindo, portanto, uma “natureza”, uma essência definida e imutável. Sua natureza, indefinida, carece ainda de uma definição, de uma *determinação*. Para realizar a si mesmo, para se determinar, o homem foi colocado no centro do mundo, ou seja, em uma posição que lhe permite buscar o mais adequado para definir sua própria essência. Imaginando o que Deus disse a Adão quando o criou, Pico diz:

Coloquei-te no meio do mundo para que daí possas olhar melhor tudo o que há no mundo. Não te fizemos celeste nem terreno, nem mortal nem imortal, a fim de que tu, árbitro e soberano artífice de si mesmo, te plasmasses e te informasses, na forma que tiveres seguramente escolhido. Poderás degenerar até aos seres que são as bestas, poderás regenerar-te até às realidades superiores que são divinas, por decisão do teu ânimo (p. 53).

Nesta passagem decisiva, aparece com força o antropocentrismo do autor. O homem está no “meio do mundo” não em um sentido físico ou topográfico, mas em um sentido ontológico: ao homem são abertas possibilidades diversas para sua própria realização. Quem está “no meio”, afinal, tem mais facilidade para tomar qualquer direção. A existência humana não foi limitada por Deus a um destino único ou a uma só vontade. O homem está no meio *para que ele possa escolher a sua direção, o seu caminho próprio*, para que ele se torne *o que quiser ser*. Note-se que a palavra “antropocentrismo”, aplicada ao pensamento de Pico della Mirandola, não significa que o homem esteja livre *de Deus*. Tampouco que Deus não exista, ou ainda que não se interesse pelo que é humano. O homem é, e será sempre, criatura de Deus, e é pelo Seu desejo que ocupa o lugar central no mundo. O “antropocentrismo” de Pico não exclui Deus, pelo contrário: como foi Deus quem deu ao homem o seu lugar central, a realização humana de seu próprio

destino é fruto da graça divina. O homem não é um ser que Deus abandonou à própria sorte, mas uma criatura que Ele *emancipou*.

O homem, assim, é um ser *livre*, “árbitro e soberano de si mesmo”. Isso implica que sua natureza indefinida não deve *permanecer* indefinida. Ela deve ser definida, determinada, como a natureza dos outros seres criados por Deus, como os anjos e as bestas. Ocorre que quem determinará a natureza humana é o próprio homem, ou melhor, *cada homem considerado individualmente*. A *liberdade*, para Pico, não é meramente um “dom” dado por Deus ao homem, mas *a capacidade de escolher dentre diversas possibilidades*. Cada homem, ao decidir seu destino, decidirá também *o que é*. Poderá degenerar e se tornar semelhante aos animais ou regenerar-se e tornar-se como os anjos. Afastar-se ou aproximar-se da perfeição, eis as possibilidades que estão diante do ser humano.

A felicidade do homem, diz Pico della Mirandola, é “ser aquilo que quer”. As bestas, ao contrário, desde o momento em que são concebidas, trazem consigo, no ventre materno, “tudo aquilo que depois serão”. Algo semelhante ocorre com os espíritos superiores (como os anjos), que desde a sua criação foram o que eternamente serão. No homem, ao contrário, estão presentes as sementes de tudo, que crescerão e frutificarão “segundo a maneira de cada um as cultivar”. Conclui, então, o autor:

Ao homem nascente o Pai conferiu sementes de toda a espécie e germes de toda a vida, e segundo a maneira de cada um os cultivar assim estes nele crescerão e darão os seus frutos. Se vegetais, tornar-se-á planta. Se sensíveis, será besta. Se racionais, elevar-se-á a animal celeste. Se intelectuais, será anjo e filho de Deus, e se, não contente com a sorte de nenhuma criatura, se recolher no centro da sua unidade, tornado espírito uno com Deus, na solitária caligem do Pai, aquele que foi posto sobre todas as coisas estará sobre todas as coisas (p. 53).

Esta passagem mostra que há no homem possibilidades que podem ou não se realizar. A mais elevada de todas é a vida contemplativa, que torna o homem *uno* com Deus. Neste sentido, o homem é *imagem* de Deus, pois traz em si possibilidades infinitas, que o tornam criador do seu próprio destino. Como imagem, o homem é um *microcosmo*, uma realidade intermediária entre o mundo e Deus.

Diante disso, devemos repetir o questionamento feito acima: há algo novo na concepção de Giovanni Pico della Mirandola, ou apenas uma exposição original de idéias já sustentadas por outros filósofos? A meu ver, não há originalidade na *escolha* da temática (dignidade humana). As possibilidades inerentes à alma humana (vegetativa, sensitiva e racional) foram objetos de estudo da filosofia desde a Antiguidade. O livre-arbítrio, como possibilidade de escolha dada por Deus ao homem, foi tratado por muitos escritores cristãos desde Santo Agostinho. E a idéia de uma hierarquia entre os seres (vegetais/animais/homens/anjos/Deus) é comum a todo o pensamento medieval. A originalidade de Pico não está, assim, na escolha do tema que aborda, mas no modo pelo qual, em função do espírito do seu tempo, articula de forma criativa elementos teóricos que estavam em discussão há séculos.

Com efeito, o autor não se limita a dizer que o homem é livre para escolher seus próprios fins, mas que, ao escolhê-los, o homem *encontra a sua própria essência*.

O homem não é apenas o “animal racional” capaz de escolher, mas o ser *que está fadado a escolher*. É como se Deus houvesse condenado o homem à escolha, dado a ele a capacidade de, por seus atos livres, tornar-se o que deve ser. Percebe-se, então, que o homem está acima dos animais não simplesmente por ser racional, mas porque a razão o impele em direção a algo que nenhum animal pode conseguir: a determinação do seu próprio ser. É interessante relacionar essa constatação com outro aspecto da filosofia de Pico, o apreço pela *magia*, vista não como poder sobrenatural, mas como capacidade de conhecer a natureza, de descobrir seus segredos e transformá-la. O homem não está apenas “no mundo”; ele também atua “sobre o mundo”, coloca-o a seu serviço. Comentando a questão na Introdução à sua tradução de Pico, Maria de Lurdes Sirgado Ganho afirma:

Tal questão inscreve-se na dignidade do homem, enquanto ser capaz de encontrar, pela razão, a íntima harmonia do universo, dominando o seu poder, colocando-o a seu serviço e desvendando os seus mais arcanos segredos. Tal concepção e magia seria a antecessora da ciência experimental moderna e da ciência tecnológica contemporânea. Daí algumas referências a Pico antecipando intuitivamente a concepção de um homem tecnológico, enquanto defensor de uma ciência de domínio da natureza (p. 30).

Isto é interessante porque mostra *de que modo* o homem é semelhante a Deus. O homem, ser livre, é capaz de *atos de criação*, de *transformação* de si mesmo e do mundo onde vive. Sua dignidade decorre dessa capacidade criadora e inovadora, que o torna *imagem de Deus*, microcosmo que reflete, em escala menor, o poder divino da *criação*. O que torna Pico um dos primeiros renascentistas é essa visão da dignidade humana como capacidade de autodeterminação e criação a partir da transformação da natureza. A razão e a inteligência do homem não possuem exclusivamente um alcance ético, mas também um viés *poiético* (de *poiésis*: produção, fabricação). A originalidade de Pico, que o torna elo entre duas eras, a medieval e a moderna, está nessa visão do homem. A liberdade é o dom que o homem recebeu. Sua dignidade está em saber usá-lo bem, *transformando o mundo e a si mesmo em direção ao melhor*:

Que a nossa alma seja invadida por uma sagrada ambição de não nos contentarmos com as coisas medíocres, mas de anelarmos às mais altas, de nos esforçarmos por atingi-las, com todas as nossas energias, desde o momento em que, querendo-o, isso é possível (p. 55).

O *melhor*, assim, é tudo aquilo que eleva o homem, que o torna *construtor*, *criador*, uma espécie de *demiurgo* do mundo, aproximando-o de Deus. É isso que, segundo Pico, converte o homem em um ser digno, merecedor de respeito por parte dos outros homens: o auto-aperfeiçoamento, a capacidade de se tornar, pelo uso da razão, um “animal celeste”, próximo à máxima perfeição.

Referências Bibliográficas

PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. *Discurso sobre a dignidade do homem*. Tradução e introdução de Maria de Lurdes Sirgado Ganho. Lisboa: Edições 70, 2001.

REALE, Giovanni. *Socrate*. Alla scoperta della sapienza umana. Milão: BUR, 2000.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. v. I. São Paulo: Loyola, 2001.